

o verde-oliva

Centro de Comunicação Social do Exército | Brasília, Julho 1986 | Ano XIII | Nº 112

Soldado,

a segurança do Brasil em tuas mãos.





3ª R M

Região D. Diogo de Souza

Introdução

O Centro de Documentação do Exército- CDocEx é subordinado à Secretaria-Geral do Exército – SGEx, e tem entre suas atribuições a missão de realizar as atividades referentes à Heráldica, tais como:

— estudar e difundir as tradições do Exército, no Setor de Heráldica;

— proceder a estudos relativos à concessão de denominações, estandartes e distintivos históricos para as Organizações Militares;

— emitir pareceres sobre elaboração de insígnias de Comando, no âmbito do Exército;

— elaborar publicações especializadas, particularmente as referentes às honrarias concedidas às Organizações Militares.

O «VO», neste número, homenageia a 3ª Região Militar, sediada em Porto Alegre-RS, pela passagem de mais um aniversário de sua criação, publicando a heráldica relativa a seu distintivo e estandarte-histórico, em 12 Jul.

Denominação Histórica

O Ministro do Exército, de acordo com a Port 295-GB, de 20 Ago 68, alterada pela Port Min 830, de 14 Jun 74, e acolhendo parecer da Secretaria-Geral do Exército, após ouvido o Centro de Documentação do Exército, resolve conceder à 3ª Região Militar, sediada em Porto Alegre-RS, a denominação histórica de «Região D. Diogo de Souza». **(Port Min 924, de 4 Set 81).**

Estandarte-Histórico

O Secretário-Geral do Exército, acolhendo proposta do Centro de Documentação do Exército, resolve aprovar em conformidade com as IG-10-16, aprovadas pela Port Min 514, de 31 Mai 82, o Estandarte-Histórico da 3ª Região Militar, constante do modelo anexo e com a seguinte descrição heráldica:

Campo fendido de vermelho à destra e azul celeste à sinistra, com uma banda nas cores cinza-aço, amarelo e vermelho (cores da logística). Brocante sobre tudo, o distintivo histórico da 3ª RM, nas suas cores. No canto sinistro inferior uma coroa de louros em ouro, encimada pelo contorno do estado do Rio Grande do Sul em ouro envolvendo o dístico em ouro da 3ª RM e o ano de sua criação. No canto destro superior uma coroa de louros em ouro, encimada por uma coroa de conde envolvendo o dístico. D. Diogo de Souza, 1815 (ano de concessão do título de Conde a D. Diogo de Souza). Laço militar nas cores nacionais carregado com a inscrição 3ª Região Militar. **(Port 3-SGEx, de 23 Set 82).**

Distintivo Histórico

O Secretário-Geral do Exército, acolhendo parecer do Centro de Documentação do Exército, resolve aprovar, em conformidade com a Port Min 295-GB, de 20 Ago 68, modificada pela Port Min 830, de 14 Jun 74, o Distintivo da 3ª Região Militar, constante do modelo anexo, e com a seguinte descrição heráldica:

Escudo francês esquartelado; no primeiro, de prata, as Quinas de Portugal, cinco escudetes, de azul, postos em cruz, cada um carregados com cinco besantes, de prata, postos em santor; no segundo, de ouro, um leão rompante, de vermelho, e assim os seus alternos; chefe cortado, de azul e vermelho, tendo em abismo um circulo de vermelho, bordado de ouro, contendo o algarismo três, de ouro. **(Port 4-SGEx, de 13 Nov 81).**



Aniversário de Santos Dumont

A 20 de julho de 1873 nascia em Barbacena, na fazenda Cabangu, o maior inventor brasileiro de todos os tempos: Alberto Santos Dumont, Pioneiro da Aviação, honra e orgulho da Humanidade.

As obras de Júlio Verne, o genial precursor, exerceram forte influência no espírito do jovem mineiro. Emancipado pelo pai aos 18 anos de idade, Santos Dumont recebeu, além da liberdade, uma doação de títulos no valor de várias centenas de contos de réis, uma fortuna em 1892.

Em 1897, transferiu-se para a França onde, em Paris, aguçou sua curiosidade e desenvolveu seu interesse pelos balões. E, daí em diante, com a têmpera, a tenacidade, a fé e a capacidade de trabalho dos pioneiros, sempre indiferente à intolerância arvorada em crítica pseudo construtiva, venceu todas as dificuldades do tempo e as barreiras das mentalidades da época para, finalmente, a 19 de outubro de 1901, realizar a sua primeira grande façanha, partindo de Saint-Cloud em balão dirigível, contornando a Torre Eiffel e retornando ao local de origem em 30 minutos. Com esse feito, Santos Dumont ganhou o prêmio instituído por Deutsch de la Meurth, magnata do petróleo, a importância de 129.000 francos, que ele distribuiu entre os seus mecânicos e os pobres de Paris.



A 23 de outubro de 1906, Santos Dumont inscreveu o seu nome, com letras de ouro, nos anais da Aeronáutica, quando realizou, no campo de Bagatelle, em aeroplano, um vôo de 60 metros de distância e a uma altura de 3 metros, conquistando a Taça Archdeacon, e a 12 de novembro do mesmo ano ele voltou a assombrar o mundo, voando 220 metros em 21 segundos e a 6 metros do solo. A França ergueu-lhe dois monumentos comemorativos: um, marco de granito, no campo histórico de Bagatelle, e outro em Saint-Cloud.

Como esportista, que também foi, Santos Dumont praticou o automobilismo, o motociclismo e o tênis. Várias vezes foi visto no Fluminense atuando como juiz em jogos de tênis. Apesar de comedido nos gestos e nas atitudes, falando pouco e raramente sorrindo, aquele homem de aspecto tímido, sem medo e sem mácula, habituado a enfrentar a morte com absoluta frieza, acompanhava agitado todos os lances da partida e, olvidando a sua condição de árbitro, aplaudia entusiasmado os "drives" e "volleys" perfeitos.

O extraordinário aeronauta, glorificado pelos mais notáveis sábios de seu tempo, como, Edison, Marconi e Flamarion, todos admiradores de sua genialidade e de suas arrojadas experiências — morreu precocemente em Santos, a 23 de julho de 1932.

O feito de Alberto Santos Dumont, "Dando Asas ao Homem", transcende ao aspecto heróico da façanha, pois ao seu espírito humanista, mais importava interpretar o anseio de uma época que a simples glória de ser pioneiro.

O Exército, ao comemorar o aniversário do Patrono da Aeronáutica evoca o idealismo daquele que, em sua curta e fulgurante existência vencendo desafios e desconfianças, legou ao mundo uma nova dimensão.

o verde-oliva

Centro de Comunicação Social do Exército

REDAÇÃO: QGEx - Bl B - Térreo - SMU - 70.630 - BSB DF - Tel: 223-2609 223-5709 e 225-0260 Ramais 2256, 2557 e 2753

Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias

DISTRIBUIÇÃO QGEx - St garagens - SMU Tel: 225-0260 Ramal 2939

Distribuição gratuita

SUMÁRIO

	Pag
Aniversário de Santos Dumont	01
Apresentação da Bandeira Nacional	02/03
Fatos da História Militar	04
Atuação dos B E Cnst nas enchentes do Nordeste	05
Informe VO	06/07
Atividades na AMAN	08
Arsenais de Guerra e a Indústria Militar	09/10
Conheça nossas Guarnições	11
À vontade	12

Apresentação da Bandeira Nacional



Realizou-se nos pontos mais distantes de nosso País a solenidade de apresentação da Bandeira Nacional aos soldados incorporados ao Exército Brasileiro no corrente ano. A Bandeira é o símbolo máximo da nacionalidade. É a imagem viva do País. Não é um simples pedaço de pano, colorido, bordado, a balançar na ponta dos mastros. É a alma da terra que se ergue do chão para se soltar ao vento. É a história do povo refulgido em cores nas dobras do tempo. Não é a Bandeira que tremula ao alto, mas a Nação inteira, suas lutas, suas glórias, seu passado, seus costumes. Muitos lutaram, caíram, morreram, para mantê-la desfraldada, altaneira e soberana, abrindo nos ares como liberdade no céu. A Bandeira é a nossa própria vida. É o passado, o presente, o futuro, a eternidade de um povo. Um povo sem Bandeira é como um corpo sem alma, sem força, sem vida. É ela a energia que impulsiona uma Nação a trabalhar, lutar, viver, sorrir, andar. É ela que arrasta os homens para os atos de heroísmo. A Bandeira não é apenas o símbolo que tremula nos mastros, que anda nas ruas, mas o sentimento da terra que retumba no peito da gente, o orgulho da Pátria que sacode o coração do povo. A Bandeira, soldado, somos todos nós.



Cia Cmdo/3ª DE (Santa Maria–RS)



5ª Bda C Bld (Rio de Janeiro–RJ)



18º B I Mtz (Porto Alegre–RS)



2º Gpt E Cnst (Manaus–AM)



3º R C Mec (Bagé–RS)



DRMI/7 (Recife–PE)



"Não há religião sem Deus nem Pátria sem Bandeira".

"Venera-se na Bandeira o tempo pelo culto ao passado, donde ela vem; no amor do presente, a que ela assiste e na ânsia pelo futuro para o qual ela acena desfraldada no mastro".

Coelho Neto

"Bendita sejas, para todo o sempre, Bandeira do Brasil".

Olavo Bilac



44º B I Mtz (Cuiabá–MT)



5º B E Cmb (Porto União–SC)



Fatos da História Militar

Introdução

O General Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, Visconde de Itaparica, "a glória guerreira da Bahia", é uma das mais expressivas figuras na galeria de chefes ilustres do Exército Brasileiro. Como a maioria dos Generais do Império, fez o seu aprendizado prático de combatente nas contendas internas, vendo, lutando e pelejando, comparecendo à Guerra do Paraguai como Brigadeiro, aos 45 anos de idade, o mais novo de todo o Exército. Nessa longa e difícil campanha, Argolo participou dos lances mais importantes e decisivos, como Comandante de Brigada, 4ª Divisão e de Corpo de Exército, imprimindo às ações o feito de sua singular personalidade.

O presente trabalho, ao mesmo tempo em que reúne episódios jocosos e alegres da Guerra do Paraguai, procura, de forma amena, mostrar até que ponto o anedotário tem validade como fonte dos estudos históricos. Vamos aos fatos.

Uma lição de música

"Encontrava-se Argolo na porta da sua barraca, quando um oficial se apresenta apavorado e, antes que declarasse os motivos que o tinham levado à sua presença, pergunta-lhe:

– De que se trata, camarada?

– Sr General, venho buscar socorro. É uma coisa horrível!

Com uma voz embargada pela emoção, contou que uma Força de Cavalaria paraguaia cercou elementos do 26º de Voluntários. Oficiais e soldados para se livrarem do aniquilamento, ante a superioridade do inimigo, lutavam desesperadamente. E conclui:

– "Sr General, mande logo um desses Batalhões de Infantaria ou de zuavos para salvar aquela gente . . ."

Antes de tomar qualquer decisão, o Visconde ordenou aos seus ajudantes que procedessem a um reconhecimento e, dirigindo-se ao Oficial, perguntou-lhe:

– Alferes, o Sr gosta de música?

– Sim, Sr General.

– Muito ou pouco?

– Muito.

– Que instrumentos prefere: os de pancadaria, os de corda ou os de sopro?

– Os de sopro, Sr General.

– E, destes, os de madeira ou os de metal?

– Os de metal.

– Qual o mais belo instrumento de metal, Alferes?

O oficial, impaciente, ansioso, nervoso, sem compreender aquela tortura a que o superior o submetia, somente se continha graças ao freio da disciplina. Replicou, trêmulo:

– O clarim, que dá o sinal de avançar.

– Enganou-se, Alferes – retrucou o baiano, imperturbável. O mais belo instrumento de metal não é o clarim, que toca a carga, mas o trombone de vara, cuja voz murmura, enquanto ele vai e vem: não tenha pressa! não tenha pressa!

Nisto, chegavam os ajudantes com as notícias. Os paraguaios tinham chacinado a Força do 26, antes mesmo de o Alferes ter tido tempo de chegar à barraca do General. Qualquer ordem para o avanço de tropas teria sido um alarme em pura perda."

Desobediência perdoada

"Na tomada de Sauce (20 de março de 1868), cujo encargo foi entregue ao General Argolo, participando este a Caxias o resultado da renhida peleja, afirmou que durante a mesma se dera numerosas fugas e deserções . . . de nova espécie. Doentes, que jaziam nos leitos do hospital, presos, que por suas culpas estavam respondendo em cárcere, tinham espontaneamente praticado o ato de indisciplina de saírem dos leitos e das prisões, para tomarem parte no combate, findo o qual não foi preciso a mínima observação para se recolherem aos lugares donde haviam indevidamente saído.

Perguntando que pena mereciam tais homens, Caxias respondeu-lhe:

– Desculpa do ato presente e perdão do anterior."

Por que não dormia de botas

"Um dia, Tibúrcio (mais tarde bravo General), tresnoitado, permanecia no improvisado leito de campanha, entregue a reparador sono, quando, já alta madrugada, ecoou, na retaguarda, o toque de corneta: sinal de 1ª Divisão, sentido! Era o Argolo, o chefe divisionário, cuja falange prevenida, disposta à luta, espreitava qualquer surpresa do inimigo. Tibúrcio ergue-se de pronto e, lesto como sempre era em atitudes, começa a calçar-se sem mais delongas para receber o Comandante da Divisão. Era tarde, porém. O General surge à sua frente. Ambos se conheciam muito bem.

Argolo, afetando seriedade, falou:

– Comandante, por que não dorme de botas?

Tibúrcio, sem pestanejar, tendo sempre uma resposta adequada, pois pertencia ao número daqueles que não dão a ninguém o direito da última palavra, perfilando-se, como disciplinado subalterno, retorquiu:

– Porque, enquanto as calço, terei tempo de pensar no que fazer.

O General sorriu. Ele dormia sempre de botas e certamente sonhava com o que tinha de fazer."

O impossível é realizável

"A travessia do Chaco pelas nossas tropas era considerada como feito impraticável. Contam que, indagados por Lopez sobre essa possibilidade, os engenheiros guaranis afirmaram:

– A natureza do Gran Chaco eliminará, um a um, os inimigos da república.

Madame Lynch teria acrescentado, incrédula:

– Aníbal só houve um!

Consultado por Caxias sobre a viabilidade da construção da Estrada do Chaco, Argolo respondeu, contrariando a opinião de vários Generais e engenheiros presentes:

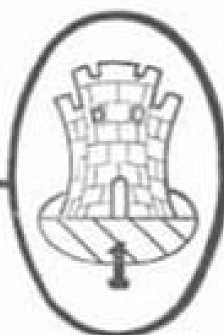
– Se for possível, está feita; se for impossível, vamos fazê-la.

Caxias, conhecendo a importância da estrada para a execução de sua arrojada Manobra do Pequiciri, designou-o para dirigir o empreendimento, que haveria de coroar, com êxito, a sua vida de guerreiro exemplar."

Conclusão

Reunimos, no presente trabalho, alguns episódios pitorescos envolvendo o General Argolo, o maior soldado da Bahia e um dos mais completos Chefes de nosso Exército. Eles evocam situações curiosas, divertidas e informais, que, muitas vezes, surpreendem o grande herói à vontade, sem poses preconcebidas, alheio por momentos às rígidas normas de conduta de seu tempo, servindo para revelá-lo de corpo inteiro, em suas exata dimensão humana.

(Cel Inf QEMA Filadelfo Reis Damasceno)

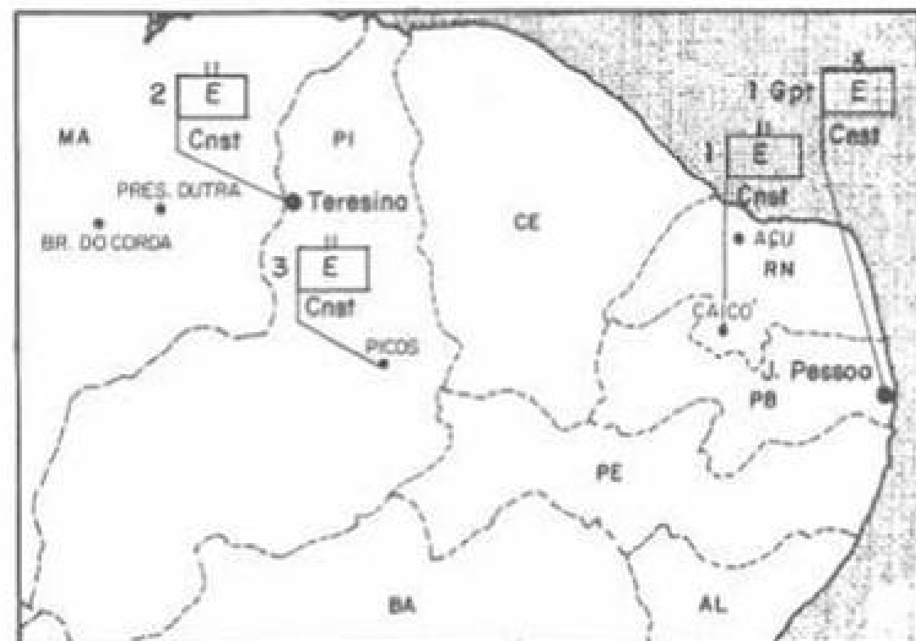


Atuação dos B E Cnst nas enchentes no Nordeste

1. As principais ações desenvolvidas pelos Batalhões de Engenharia de Construção subordinados ao 1º Grupamento, por ocasião das fortes chuvas que recentemente assolaram o Nordeste, foram as seguintes:

a. 1º Batalhão de Engenharia de Construção (Caicó–RN)

1) Recomposição dos Açudes Mundo Novo (Caicó–RN), Floresta (Serra Negra–RN), Barauna (Cachoeira dos Índios–PB), e outros pequenos açudes próximos à sede do Batalhão. Todos apresentavam sérios danos, exigindo reparos de emergência.



2) Reparação de uma estrada em Ouro Branco–RN, restabelecendo o seu tráfego.

3) Revestimento da pista rodoviária do Açude Itans (Caicó–RN).

4) Abastecimento de água, utilizando carros-pipa, da cidade de Parelhas (RN), cujo sistema de abastecimento permanente foi danificado.

5) Reparação dos diques que cercam a cidade de Jucurutu–RN, a pedido do Governo do Estado do Rio Grande do Norte a fim de evitar a inundação daquela cidade.

6) Reconhecimentos especializados sobre o estado de diversas barragens ameaçadas pelo excesso do volume das águas, destacando-se entre elas a barragem do Açu.

7) Empréstimo de Equipamentos de Engenharia e de viaturas, com respectivos operadores e motoristas às Prefeituras Municipais, Órgãos estaduais e federais, visando à realização de pequenas obras, em casos de ameaças à vida humana ou de interesse da comunidade.

b. 2º Batalhão de Engenharia de Construção (Teresina–PI)

1) Assistência médica e de alimentação a 46 famílias, cujas casas, próximas ao Círculo Militar de Teresina, foram inundadas pelo Rio Poti.

2) Apoio de transporte rodoviário e fluvial no resgate da população civil isolada pela inundação.

3) Colaboração com a Defesa Civil na distribuição e transporte de gêneros alimentícios para os flagelados das enchentes.

4) Atendimento médico permanente, incluindo a distribuição de remédios fornecidos pela Secretaria Estadual de Saúde à população civil.

5) Reparação da BR–226, em Presidente Dutra–MA, onde as chuvas destruíram parte do aterro, acarretando o isolamento das cidades de Barra do Corda e Tuntum do restante do Estado.

6) Reparação da estrada de acesso e do porto de balsa do Rio Araguaia em São Geraldo (PA), restabelecendo a única ligação entre essa cidade e Xambioá no Estado de Goiás.

c. 3º Batalhão de Engenharia de Construção – (Picos–PI)

1) Conservação e reparação da BR–230 nos trechos Várzea Alegre – Farias Brito e Oeiras – Gaturiano, num total de 47 km.

2) Reparação dos acessos aos Distritos de Canabrava e São Luiz, devido à cheia do Açude Bocaina (PI).

3) Reparação nos sangradouros dos Açudes Vera Cruz, São Pedro e Lustal em Tauá (CE); Açudes Facundo e Miranda em Parambu (CE); Açude Caraíbas em Várzea Alegre (CE); Açude São Luís em Barro (CE) e Açude Cristovinho em Picos (PI).

4) Apoio de transporte aos desabrigados, devido às chuvas, no Rio Guaribas, em Picos (PI).

2. Cumpre ressaltar que a presença e o apoio dos Batalhões de Engenharia de Construção, prestando auxílio às populações civis atingidas pelas chuvas, têm sido alvo de referências elogiosas da imprensa local e reconhecida gratidão da população.



Informe VO

O ano de instrução em diversas OM de todo Exército encerrou sua fase de Instrução Individual Básica – IIB, que teve por finalidade preparar o Combatente Básico, isto é, ambientar e habilitar o soldado para o início da Instrução Individual de Qualificação – IIQ.

Nas fotos, flagrantes de instruções objetivas e de cunho eminentemente prático, que conduziram à aquisição de habilidades e reflexos indispensáveis ao soldado para enfrentar esta nova fase da instrução.



Acampamento - Cia Cmdo 11ª RM (Campo Grande–MS)



Inspeção - 17º RC (Amambai–MS)



Execução da Pista de Técnicas Especiais - 14ª Cia Com (Campo Grande–MS)



Transposição da Ponte de 3 Cordas - 71º B I Mtz (Garanhuns–PE)



Realização do Tiro Real - 37º B I Mtz (Lins–SP)



Maneabilidade - 2ª Bia AAAe (Livramento–RS)


Marcha de 12Km - 6º B Com Div (Bento Gonçalves–RS)


Realização do Rapel - 58º B I Mtz (Aragarças–GO)


Utilização do Cabo Aéreo - 12ª Cia Com (Alegrete–RS)


Travessia com Cabo Submerso - 59º B I Mtz (Maceió–AL)


Operação Santa Tecla - 3ª Bda C Mec (Bagé–RS)


Transposição da Falsa-Baiana - 2º B E Cmb (Pindamonhangaba–SP)



Atividades na AMAN

Visita de cadetes estrangeiros



Cadetes Americanos

Procurando estreitar os vínculos de amizade com os Exércitos das Nações Amigas e cumprindo o Programa de Intercâmbio de Cadetes previsto para 1985, a Academia Militar das Agulhas Negras recebeu, em 13 de março último, uma delegação de cadetes da Academia Militar de West Point, em visita ao Brasil; e, em abril, uma comitiva de cadetes da Academia Militar de Portugal.

Nas fotos, momento da apresentação das delegações americana e portuguesa ao Comando da AMAN.



Cadetes Portugueses

Comemorações da Engenharia e Intendência

A Academia Militar das Agulhas Negras comemorou o Dia da Engenharia em que foi homenageado o seu ilustre patrono Ten Cel João Carlos Vilagran Cabrita, realizando-se os seguintes eventos:

Alvorada Festiva; Formatura Geral; Exposição do Material de Engenharia; Competições Desportivas; Regata Novos Engenheiros e Gincana Náutica.



Como parte das comemorações da Semana da "Rainha da Logística", a Academia Militar das Agulhas Negras realizou uma Formatura Geral em que foi reverenciada a memória de seu ilustre Patrono, o Marechal Carlos Machado Bitencourt.



Olimpíada Acadêmica



A Academia Militar das Agulhas Negras realizou a XXXIV Olimpíada Acadêmica com cerca de 600 atletas, que competiram em 15 modalidades desportivas e disputaram os troféus Duque de Caxias e Gen Sampaio.

Os resultados finais da competição foram os seguintes:

- Troféu Duque de Caxias
  Campeão: Curso de Infantaria
  Vice-Campeão: Curso de Artilharia
- Troféu Gen Sampaio
  Campeã: 4ª Cia C Bas
  Vice-Campeã: 2ª Cia C Bas

Na oportunidade, foi estabelecido novo recorde da AMAN pelo cadete Guaraci Silva Dias, do 4º ano do Curso de Infantaria, na prova Salto em Altura, com a marca de 2,00m.

Na foto, flagrante da cerimônia de encerramento da Olimpíada.



Arsenais de Guerra e a Indústria Militar

1. Introdução

Um novo mercado que o Brasil está conquistando é o de Armamento. Hoje nosso país ocupa mundialmente o quinto lugar com exportações de material bélico e o primeiro entre os países em desenvolvimento.

Desde 1979 essa produção vem aumentando em cerca de 13% ao ano e só em 1984 a indústria bélica exportou Cr$ 3 trilhões. O **Cascavel** e o **Urutu**, fabricados pela Engesa, já são conhecidos em todo o mundo e comprados por vários exércitos.

O "VO" traz aos seus leitores um histórico dos Arsenais de guerra do Exército Brasileiro.

A indústria militar no Brasil teve seus primórdios com a criação da "Casa do Trem", levantada ao lado do antigo Forte de Santiago, em 1762, por ordem de Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadella, Governador e Capitão-Geral do Rio de Janeiro. A "Casa do Trem" deu origem ao Arsenal de Guerra do Rio.

Na época, "Trem" significava um conjunto de utensílios destinados a um certo fim. Assim, "Trem do Exército" era todo o material que pertencia ao Exército, "Trem de Artilharia", todo o material usado pela Artilharia. Destinava-se a "Casa do Trem" a reparar o material bélico utilizado na época.

2. Arsenal de Guerra do Rio

O "Trem do Rio de Janeiro" ficou conhecido como "Casa do Trem". O primeiro Vice-Rei, Conde da Cunha, ampliou-a com novas construções, denominando o novo conjunto de "Arsenal do Trem", ocupado atualmente pelo Museu Histórico Nacional.

Em 1765 foi edificada a "Casa das Armas" na Fortaleza da Conceição, posteriormente ocupada pelo Serviço Geográfico do Exército.

Em 1811, em Alvará de 19 de março, o Príncipe Regente D. João transformou o denominado "Trem" em Arsenal Real do Exército, que em 1832 passou a denominar-se "Arsenal de Guerra da Corte". Com o advento da República em 1889, teve seu nome mudado para "Arsenal de Guerra da Capital" e quando se sua transferência, em 1902, para a Praia de São Cristóvão, atual Caju, passou a denominar-se "Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro" e, posteriormente, em 1939, "Arsenal de Guerra do Rio

Esta unidade fabricou munição e reparou armamento para todas as campanhas internas e externas do Brasil. Produziu ainda uma variedade de produtos bélicos tais como: canhão automático antiaéreo 40mm, morteiros, granadas para morteiros, lança-rojão, além de recentemente entregar ao Exército reboques 3/4 t. Ali também foram fundidos os primeiros monumentos de bronze.

Atualmente, além dos encargos normais de manutenção e fabricação de peças de reposição do Canhão Antiaéreo Automático de 40mm, Morteiros 60mm, 81mm e 120mm, Lança Rojão 3.5 e outros, foram realizados pelo Arsenal de Guerra do Rio, no período 80/84, os seguintes estudos:

– Desenvolvimento do reparo veicular de pedestal para metralhadora leve;

– Desenvolvimento do projeto e produção industrial de reboque NE de 3/4 Ton;

– Execução da transformação de Mtr. 50 M2, de avião, em Mtr. 50 M2 HB, terrestre;

– Projeto de fabricação de reparos veiculares. 50 M24 A2 PDT e .50 AAe M63.



EE-11 "Urutu" Exército (transporte blindado de tropas)



EE-9 "Cascavel" (blindado de reconhecimento)

3. Arsenal de Guerra General Câmara

A época da fundação do "Trem de Guerra de São Pedro do Rio Grande do Sul" foi entre 1828 e 1829, quando na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, encontrava-se o Brigadeiro Salvador José Maciel.

O estabelecimento compunha-se de dois grandes edifícios, situados um em frente ao outro, separados pela então rua da Praia, hoje rua dos Andradas (em Porto Alegre).

Funcionaram, durante muito tempo, no Arsenal, uma companhia de Artífices Militares e uma de Aprendizes, prestando ambas relevantes serviços ao País.

Em 4 de maio de 1932, foi aprovado o Projeto e orçamento das obras para mudança do Arsenal de Guerra para a margem do Taquari.

As terras haviam sido doadas por João José Centeno ao Governador Imperial, de uma parte de seu vasto domínio territorial, na Freguesia da Margem do Taquari, atual cidade General Câmara.

O então Arsenal de Guerra de General Câmara do Rio Grande do Sul mudou-se oficialmente para a cidade de General Câmara, em 27 de fevereiro de 1935, sob a direção do Cel Argemiro Domeles. A 19 de setembro de 1939, passou a denominar-se Arsenal de Guerra da Margem e a 15 de agosto e 1940, pelo Decreto nº 6097, a Arsenal de Guerra General Câmara.

Atualmente, esta unidade tem grande atuação na manutenção de armamento de 4º e 5º escalões, inclusive na fabricação de peças de grande utilidade ao Exército Brasileiro, além de reboques de 1/4 t; e tem cumprido com presteza todas as missões recebidas, das quais podemos destacar:

– Execução do plano de manutenção de material de emprego militar para 3ª e 5ª RM, o qual compreende a recuperação dos armamentos: Can 75 C/26 Krupp, Obus 105mm, Mrt 81mm, Mrt 60mm, Fz 7,62 M964, Mtr .50 Browning, Mtr 7,62 MAG, Mtr. 7,62 Madsen, Mtr 9mm Beretta, Pst 9mm Beretta, e outros;

– Desenvolvimento, execução de protótipo e produção industrial do manipulador telegráfico EB 11 M PO1C;

– Produção de peças de reposição do Mrt 81mm e Mtr 60 mm;

– Desenvolvimento e produção industrialização do manipulador telegráfico EB 11 MP–02C – VIBROPLEX.

4. Arsenal de Guerra de São Paulo

O Arsenal de Guerra de São Paulo, o mais novo deles, foi criado pelo Decreto nº 41.545, de 21 de maio de 1957. Entre os seus principais produtos estão: o canhão 106mm sem recuo, Can 57mm SR, redutor para Can 106mm SR e redutor para Can 57mm SR, componentes e peças aplicadas em armamento leve e pesado.

Atualmente, este Arsenal está apoiando a Engesa na elaboração do Can 90mm e a indústria civil na elaboração de viaturas militares.

Além dos encargos de manutenção, o AGSP realizou, entre 1980 e 1984, os seguintes estudos:

– Desenvolvimento de unidade de instalação para o conjunto rádio EB 11–ERC 616, destinada à instalação na viatura 1/4 ton;

– Desenvolvimento e execução de protótipo de suportes flutuantes, em alumínio, para equipagem da Ponte BA A2;

– Projeto e padronização de reparos de morteiros M1, M4, M918 e M936;

– Estudo visando à racionalização de itens (manômetro e gaxetas) do freio-recuperador do Can 75 C/26 – Krupp;

– Estudo de novo processo de recuperação do conjunto do retém do ferrolho do Fz 7,62 M964–FAL;

– Absorção da tecnologia e execução da modernização do Canhão Automático Antiaéreo 40 L60 M947, com equipamento de direção de tiro P 56/40 – Galileo.

5. Conclusão

A partir de 19 de junho de 1977, a IMBEL (Indústria de Material Bélico do Brasil) absorveu todas as unidades fabris do Exército, excluindo os Arsenais de Guerra do Rio (AGR), de São Paulo (AGSP) e de General Câmara (AGGC), que ficaram subordinados à Diretoria de Recuperação, pertencente ao Departamento de Material Bélico.

Recentemente, pelo Decreto nº 84.672, de 29 de abril de 1980, foram criados os Órgãos Autônomos dos Arsenais de Guerra (de General Câmara, do Rio e de São Paulo), com o objetivo de carrear, prioritariamente, os seus potenciais fabris e recursos para as seguintes missões de interesse do Exército: repotencialização, transformação e adaptação de todo o material bélico; nacionalização de componentes de materiais importados; fabricação de lotes de peças e de material bélico em caráter extraordinário; cooperação com o Centro Tecnológico do Exército, Indústria de Material Bélico do Brasil e indústria civil, no estudo, pesquisa e desenvolvimento do material bélico, inclusive a fabricação de protótipos. Tais como, o **Jararaca**, projetado e construído pela Engesa, cujo emprego destina-se a substituir os jipes convencionais nas missões de reconhecimento armado, com um raio de ação de 600Km; e o **Sucuri**, veículo experimental caça-tanques, dotado com canhão 105mm e com capacidade de desenvolver a velocidade de até 110Km/hora, sendo o mais veloz caça-tanques do mundo.



EE-3 "Jararaca" (blindado de reconhecimento)

Projetado e construído pela Engesa, este veículo destina-se a substituir os jipes convencionais nas missões de reconhecimento armado.



EE-17 "Sucuri" (caça-tanques)



Conheça nossas Guarnições



Garanhuns–PE

1– COMANDO DA GUARNIÇÃO

O 71º BI Mtz tem sua sede na cidade de Garanhuns e pertence a 10ª Brigada de Infantaria Motorizada; está situado na BR 423 – Km 94, Garanhuns–PE – CEP 55300 – Tel: Cmt 761 1911; PABX 761 1087.

2 – PRÓPRIO NACIONAL RESIDENCIAL

A Guarnição de Garanhuns possui 53 PNR, sendo 23 para Oficiais e 30 para Subtenentes e Sargentos.

3– CIDADE DE GARANHUNS

– **População:** 107.000 habitantes.

– **Temperatura:** média anual de 21º C.

– **Clima:** é temperado no verão e ameno no inverno.

– **Distâncias:** Recife – 230 Km; Maceió 187Km; João Pessoa – 337Km; Caruaru – 100Km.

– **Dados Geográficos:** altitude média – 896 metros; ponto culminante Alto do Magano (1030 metros).

– **Agricultura:** café, óleo vegetal e algodão.

– **Pecuária:** gado bovino (raça holandesa em sua maioria).

– **Rede Escolar:** possui 116 unidades escolares de ensino de 1º grau e 5 estabelecimentos de ensino médio.

– **Ensino Superior:** Faculdade de Formação de Professores e Faculdade de Administração.

– **Rede Hospitalar:** existem 2 hospitais, 4 casas de saúde e várias clínicas especializadas. Possui 15 farmácias.

– **Estação de Rádio:** possui 2 estações em AM e 1 em FM.

– **Televisão:** possui estação repetidora dos principais canais de TV do Estado.

– **Hotéis:** 10 hotéis, destacando-se: Tavares Correia e Monte Sinai.

O 71º BI Mtz não dispõe de Hotel de Trânsito, mas tem uma Casa de Hóspedes.

– **Ônibus Intermunicipais:** a cidade é beneficiada por várias linhas de ônibus, sendo a principal a "JOTUDE" (para Recife e Maceió).

– **Agências Bancárias:** existem 9 agências bancárias, sendo as principais: Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Bradesco.

– **Supermercados:** 12 supermercados de porte médio, destacando-se os da rede DULAR e PAGUE MENOS.

– **Clubes:** a cidade conta com 12 clubes sociais e esportivos, sendo os mais importantes: AGA, AABB, BNB e Tavares Correia. A OM dispõe de um círculo Militar.

– **Instalações Esportivas:** existem 2 estádios e três ginásios de porte médio.

– **Turismo:** Garanhuns possui as mais belas e variadas atrações turísticas: fontes hidrominerais, fazendas de flores e de café, Parque dos Eucaliptos, Cachoeira de Inhumas, numerosos mirantes, etc. O seu ar europeu – é conhecida como a *Suíça Pernambucana* – propicia um belo contraste, em pleno trópico, entre o cinzento de suas névoas e o colorido de suas flores e roupas de lã.



SENTIDO DESCANSAR À VONTADE!

O Fuzil que tinha alma



Ele era um dos milhares de soldados desembarcados naquelas terras, para combater o inimigo comum. Ali estava, em seu uniforme verde-oliva, sem saber bem o que fazia naquele lugar, nas fraldas do morro que todos chamavam de "Morro Fantasma".

Sabia que iriam tentar, mais uma vez, chegar lá em cima e jogar de lá seus defensores. Ele estava calmo, com a tranqüilidade e a resignação dos bravos.

Acariciava seu fuzil, seu melhor amigo, seu irmão. Lembrava-se bem do dia em que o recebeu, dos treinamentos que com ele fez; dos exercícios de tiro, de sua pontaria sempre melhorando. Conhecia-o bem, tinha certeza e sentia que o fuzil também o conhecia e compreendia.

Ele conversava com o fuzil e chamava-o pelo nome: "Springfield". Perguntava pela terra dele, pois sabia-o natural lá da América do Norte; achavam graça porque ambos eram numerados, o soldado e o fuzil, os dois amigos. E sentia que ele também sabia seu número, seu nome, sabia que era natural do Rio de Janeiro, que era brasileiro.

Sentia que, sempre ao fazer a pontaria, o amigo o ajudava e muito. Nos primeiros dias, chegava a ouvir sua voz dizendo para ter calma, para não tremer. Sentia-o dizendo que confiasse nele, pois o ajudaria sempre. Com o tempo, nas conversas que tinham, o fuzil lhe dizia estar muito melhor, que já era mesmo um ótimo atirador.

Dormiam juntos, juntos tiravam serviço e até para o "rancho" iam juntos; eram amigos inseparáveis. Na sua coronha, o soldado havia gravado "Deus nos Proteja", pedindo também proteção para o amigo.

Agora, ali nas fraldas daquele morro maldito, eles esperavam e conversavam . . .

Tão distraído estava, quase não ouviu a esperada ordem. Saiu correndo, subindo a encosta íngreme, subindo e atirando, atirando sempre! Seu amigo, o fuzil, bem lubrificado, não falhava. O soldado sentia-o quente, em suas mãos, sempre atirando, sem parar.

E lá se foram os dois amigos, subindo e atirando, atirando . . . até que uma traiçoeira rajada de metralhadora atingiu o soldado no peito ! Ele tombou, sem gritar, sem gemer ou lastimar: apenas abraçado a seu amigo ! . . . .

. . . .

E, logo após a conquista do "Morro Fantasma", do MONTE CASTELO, quando os companheiros encontraram aquele soldado abraçado ao seu fuzil, viram distintamente que o óleo, escorrendo da culatra da arma sobre a coronha, parecia formar duas grossas lágrimas, duas tristes lágrimas pelo amigo morto !

Cel Cav ROBERTO MACHADO DE OLIVEIRA MAFRA

Você Sabia?

A ÁGUA PARA NOSSO CONSUMO

A água cobre a maior parte da superfície da terra,sendo 97% dela constituída pela água salgada dos oceanos. Os outros 3% são constituídos pela água doce (não salgada) da Terra. Todavia, quase toda a água doce é gelada e se situa nas zonas em volta dos pólos ou nos topos das montanhas, não podendo, por isso, ser utilizada. Apenas 1% de toda a água do mundo é doce e líquida. Uma metade infiltra-se no subsolo e fornece água para as árvores e as outras plantas, a restante serve para o homem e os outros animais. Todos os grandes rios e lagos, os ribeiros as lagoas, bem como as nascentes interiores, que fornecem a água para beber, cozinhar, lavar e todas as outras necessidades, contêm menos de 0,5% da água do mundo.

A ORIGEM DA GRAVATA

A gravata, hoje em dia, é detestada por muitos dos que, devido a funções que desempenham, são obrigados a usá-la. Mas não era vista assim quando surgiu: originada do lenço que os soldados croatas, responsáveis pela segurança do Rei Luís XIV (1638-1715), da França, usavam em volta do pescoço, era um sinal de orgulho, pois só aqueles valorosos soldados podiam usá-la.

A BANDEIRA DA INCONFIDÊNCIA



A escolha de uma bandeira para o movimento provocou sérias discussões entre os inconfidentes. Tiradentes sugeriu um símbolo triangular, representativo da Santíssima Trindade; outros propunham a figura de um índio rompendo os grilhões da opressão, acompanhada do início de um verso do poeta latino Virgílio: Libertas quae sera tamen – "A liberdade, que, embora tardia . . ."

No "**Romanceiro da Inconfidência**", a poetisa Cecília Meireles aborda essas discussões quanto à bandeira republicana:

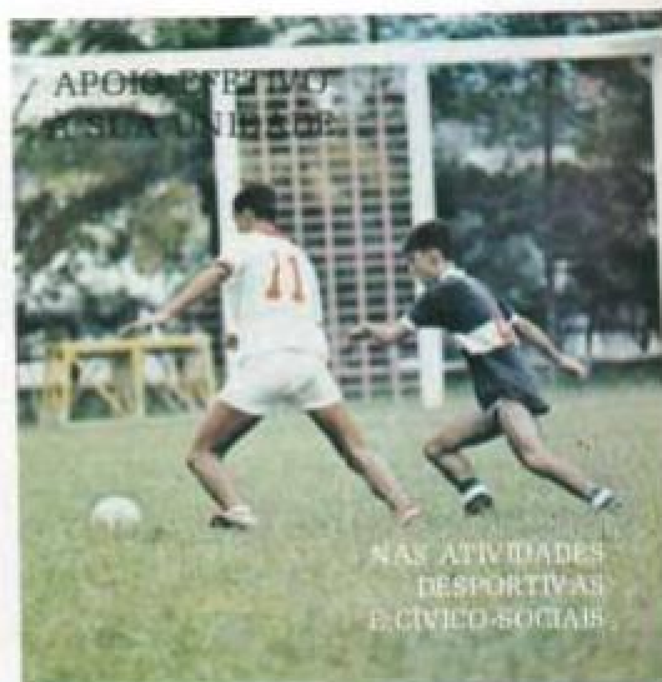
"Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
'Escreva-me aquela letra
do versinho de Virgílio . . .'
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
'Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam .....
Liberdade, ainda que tarde,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
E a vizinhança não dorme:
murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença".





E TUDO ISTO É O QUE VOCÊ E SUA UNIDADE COLHEM





AGORA TAMBÉM COM O NOVO PLANO DE POUPANÇA:

— Fundo Especial-Conta de Depósito de Cabos/Soldados (Poupança do Recruta)

Maiores informações na sua Subunidade ou com o Representante da Fundação Habitacional do Exército na sua Unidade.

SEGURANÇA — RENTABILIDADE — LIQUIDEZ



FUNDAÇÃO HABITACIONAL DO EXÉRCITO

POUPEX

ASSOCIAÇÃO DE POUPANÇA E EMPRÉSTIMO



C F Sol

1º Batalhão Especial de Fronteira

Comando de Fronteira do Solimões

Histórico

O CFSol tem suas origens no destacamento militar que ocupou o Forte de São Francisco Xavier de Itabatinga, fundado, em 1776, pelos portugueses, no povoado do mesmo nome e que se constituiu no primeiro baluarte a definir limites e assegurar a posse das terras do Alto Solimões. Foi ocupado por tropas de Infantaria e Artilharia até 1889. Em 1932 a erosão fez com que ruísse o Forte e seus destroços ficassem submersos nas águas do Solimões.

Esta presença militar caracterizou-se pela ocorrência de fatos históricos significativos, tais como os que resultaram, em 1866, na fixação em TABATINGA do marco divisório entre Brasil e Peru.

Em 1933, as divergências lindeiras entre Colômbia e Peru no conflito denominado "Questão Letícia" levaram à concentração de um efetivo maior na região.

A 25 Jan 40, cria-se o Pelotão Independente de Tabatinga que, em 1949, muda de denominação para 5º Pelotão de Fronteira e, em 1955, é transformado em 7ª Companhia de Fronteira, iniciando-se a construção do novo aquartelamento. Em 20 de abril de 1967 transforma-se a guarnição em Colônia Militar de Tabatinga, acrescentando a missão de colonização e desenvolvimento e, em 1969, pelo Decreto nº 63.975, de 10 de janeiro, é criado o Comando de Fronteira do Solimões, com sede em Tabatinga, e a 7ª Cia Fron transformada em 1º Batalhão Especial de Fronteira sob o mesmo comando e sede.

Organização

O CFSol/1º BEF é subordinado ao Comando do CMA e tem a jurisdição sobre a área de fronteira localizada ao longo do Rio Javari e da linha seca que se estende desde a sede até Japurá, com a finalidade de obter maior abrangência possível sobre esta extensa faixa de fronteira. Possui as seguintes frações destacadas, todas em guarnições especiais de 1ª categoria:

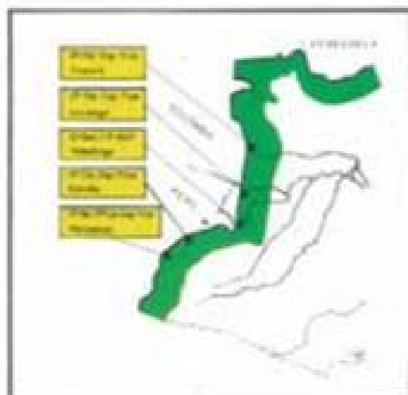
— 1ª COMPANHIA ESPECIAL DE FRONTEIRA — originou-se do 9º Pelotão Especial de Fronteira; sua sede é em ESTIRÃO DO EQUADOR, sendo o seu aniversário comemorado em 8 de abril.

— 1º PELOTÃO DA 1ª COMPANHIA ESPECIAL DE FRONTEIRA — originou-se do 8º PELOTÃO ESPECIAL DE FRONTEIRA; sua sede é em PALMEIRAS.

— 2º PELOTÃO ESPECIAL DE FRONTEIRA — sempre teve essa denominação. Com a criação do CFSol, passou a ser subordinado a este Comando, sendo sua data de aniversário em 17 de julho. Sua sede é em IPIRANGA.

— 3º PELOTÃO ESPECIAL DE FRONTEIRA — sempre teve essa denominação. Era subordinado ao GRUPAMENTO DE ELEMENTOS DE FRONTEIRA. Data de aniversário: 17 de julho. Sua sede é em VILA BITTENCOURT — Município de JAPURÁ-AM.

Estas frações destacadas são as sentinelas avançadas do COMANDO DE FRONTEIRA DO SOLIMÕES, por suas localizações estratégicas.



Situam-se em importantes vias de acesso para o interior do Território Nacional, além de desempenhar importante papel na fixação do homem à terra, neste longínquo rincão do Território Nacional.

Missões

O CFSol, herdeiro das tradições dos pioneiros defensores da soberania de nossas fronteiras, vem garantindo a segurança e integridade do Território Nacional no setor que lhe é atribuído, dedicando-se de maneira ímpar às missões de desenvolvimento e colonização, apesar das dificuldades inerentes à região e aos parcos meios existentes, sempre tendo em mente a melhoria do padrão de vida das comunidades de suas guarnições.

Tem dedicado grande ênfase às atividades operacionais, cumprindo as diretrizes emanadas do Escalão Superior, quanto à aplicação das modernas técnicas e evoluções doutrinárias no que tange à formação do combatente de selva, sempre motivado no sentido de alcançar a máxima eficiência.

No seu quarto ano de existência foi agraciado com a insígnia da Ordem do Mérito Militar, o que comprova o reconhecimento do Exército ao pronto cumprimento das mais árduas missões pelo Comando de Fronteira do Solimões — CFSol.

